

A DEMOCRACIA: IMPRENSA SUBVERSIVA CONTRA O ESTADO NOVO

ADRIANA IOP BELLINTANI¹

O Estado Novo foi marcado por repressão e censura em todas formas de expressão, inclusive e principalmente em relação à imprensa. Com isso a repressão foi obrigada a criar uma outra forma de linguagem, feita de simulações, para que a oposição pudesse manifestar-se. A censura proporciona a reelaboração do texto, do discurso e conseqüentemente da significação. Fala-se e escreve-se o que está autorizado, mas a interpretação transcende os limites censurados pelo deslocamento do sentido.²

É nesse contexto histórico que surgiu no Uruguai, em Rivera, o jornal *A Democracia*, situado na Avenida Sarandi, 666. Constituía uma forma rebelde de manifestação contra a ditadura, surgida essencialmente para fazer frente ao Estado Novo. Seus exemplares apresentavam os mais variados assuntos como cultura, política, economia, além de jogos, propagandas e humor. Esse veículo informativo foi criado e manteve-se sob os auspícios de José Antonio Flores da Cunha³, e tinha o objetivo de desmoralizar a administração de Getúlio Vargas. Para tal, Flores não se preocupou com o que não poderia ser dito, nem fez uso de simulações, simplesmente publicou abertamente as críticas ao sistema instituído, o que gerou um clima de tensão nas relações diplomáticas entre Brasil e Uruguai. Na ocasião, o ex-governador encontrava-se exilado em Montevidéu e constantemente viajava para Rivera, na fronteira com Santana do Livramento, onde possuía aliados rebeldes, responsáveis pelas edições do jornal. Isso aconteceu no período de 22 de junho de 1938 a 11 de maio de 1939.

¹ Licenciatura em História na Universidade Federal de Santa Maria e Mestre em História Ibero Americana na PUCRS. (Defesa realizada em janeiro de 2002).

² ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**. São Paulo: Unicamp, 1997. Capítulo 4.

³ Foi governador do Rio Grande do Sul de 1930 a 1937, quando foi instalado o Estado Novo. Suas divergências com Vargas acirraram-se próximo da instalação da ditadura, pois Flores da Cunha era contra a centralização administrativa.

O jornal fez severas denúncias sobre a corrupção e os crimes cometidos pelo Estado Novo, escolhendo as autoridades de maior destaque. Uma delas foi sobre Oscar Fontoura, Secretário da Fazenda do Rio Grande do Sul. Como o estado gaúcho era o reduto político de Flores da Cunha, que tentava provar a superioridade de sua administração e o quanto os gaúchos eram lesados pelo governo estadonovista, o jornal fez duras críticas ao secretário. Exigia que os balancetes se tornassem públicos, para que o povo tivesse consciência de onde o governo estadual aplicava as verbas. Usou como referencial os balanços do governo de Flores da Cunha, e desafiou Oscar Fontoura:

“O General Flores da Cunha deixou o governo em novembro de 1937, tendo o tesouro do estado um saldo, em caixa, de 22 Mil Contos de Réis, e o Banco do Rio Grande 45 Mil Contos de Réis como saldo de caixa.

O governo de Oscar Fontoura tem só 29 Mil Contos de Réis, e o Tesouro do Estado que tinha 22 Mil, ninguém sabe a quantas anda. Por que não aparecem os prometidos balanços da Secretaria da Fazenda?

O Sr. Oscar Fontoura está sonhando à opinião pública os balanços do tesouro gaúcho.”⁴

As insinuações de corrupção eram freqüentes nas diversas tiragens, assim como as alegações de falta de competência do Secretário, através de denúncias a respeito de negócios mal executados. Entre elas, destacou-se a compra de maquinarias da firma Danrée & Cia, sem concorrência pública, que custou 6 mil contos de réis aos cofres estaduais.⁵ Essa acusação demonstra que Flores da Cunha possuía informante dentro do governo estadual, capaz de lhe fornecer dados precisos dos negócios efetuados. E ao enaltecer o povo gaúcho, o jornal lembrava que, na administração de Flores da Cunha, o funcionalismo era pago em dia, sem atrasos, enquanto, no governo de Oscar Fontoura o

⁴ *A Democracia*, Rivera: 30.07.1938. Nº 2. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevideu.

⁵ *A Democracia*, Rivera: 27.07.1938. Nº 11. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevideu.

magistério e a Brigada Militar estavam na iminência de não receber seus vencimentos, porque o tesouro público estadual não tinha verbas.⁶

Oscar Fontoura também foi acusado de cumplicidade no assassinato do Sr. Xandeco Alves, porque o autor do crime, Capitão Miró dos Santos, era pessoa de sua confiança. O jornal sugeriu, então, que Oscar Fontoura colocasse o cargo à disposição e permitisse que outra pessoa com mais experiência e seriedade ocupasse a pasta da Secretaria da Fazenda.⁷ Ainda em relação ao Capitão Miró dos Santos, afirmou ser ele o assassino de outras três pessoas que se encontravam presas por motivos políticos, e alegou que os corpos estavam escondidos nas imediações de Jaguari.⁸

Ao tratar de crimes, a figura de Bejo, Benjamin Vargas, irmão do presidente, sofreu pesadas acusações do jornal, que o enquadrou como traficante, assassino, desordeiro e contrabandista. Bejo permanecia impune, porque Vargas encobria seus atos, como a libertação indevida de Manuel Martins, sentenciado a 10 anos de prisão pela morte do Tenente Otelo Relâmpago Lima, em 1934. Os provisórios de Benjamin Vargas o tiraram da cadeia após cumprir apenas 4 anos de prisão.⁹

Segundo o periódico, o irmão de Vargas praticava contrabando de entorpecentes em San Tomé, na Argentina, e pretendia assassinar o jornalista Jovelino Saldanha, porque este narrava os feitos de Bejo no jornal *La Fronteira*. Devido às arbitrariedades cometidas por Benjamin Vargas, o governo federal teve de pagar cerca de 130 contos de réis à Argentina, dinheiro que saiu dos cofres públicos para abafar e custear os desmandos e as contravenções do irmão de Getúlio¹⁰.

Assim como Flores da Cunha, outros políticos de oposição ao Estado Novo encontravam-se exilados e perseguidos, entre eles: Raul Pilla, Lindolfo Collor, Plínio

⁶ *A Democracia*, Rivera: 20.10.1938. Nº 20. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

⁷ *A Democracia*, Rivera: 03.08.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

⁸ *A Democracia*, Rivera: 13.07.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

⁹ *A Democracia*, Rivera: 10.08.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

¹⁰ *A Democracia*, Rivera: 27.10.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

Salgado e Armando Salles.¹¹ Todos os opositores de Vargas eram vistos por Flores como aliados, os quais passou a defender nas matérias do jornal, ao ter conhecimento das injustiças sofridas dentro e fora do Brasil. Denunciou as agressões executadas contra seus familiares, João Flores da Cunha (irmão), Marco Aurélio Flores da Cunha (filho) e Mário Cunha (primo), todos presos em Porto Alegre sem qualquer justificativa. *A Democracia* protestava contra essa caça às bruxas.¹² O jornal também expôs ao julgamento do povo a constrangedora situação a que Octávio Mangabeira fora submetido ao ser obrigado a assinar o pedido de aposentadoria da Escola Politécnica da Bahia, onde lecionava economia política.¹³

As denúncias contra a violência do Estado Novo eram rotineiras nos exemplares, como a prisão de mais de 600 pessoas em Belo Horizonte, Minas Gerais, em virtude da visita de Vargas àquela capital. Por onde o presidente passava, o número de detenções aumentava, o que chegou a evidenciar, de acordo com o periódico, que a figura de pai dos pobres e de homem bem quisto, atrelada a Getúlio, fazia parte da propaganda enganosa levantada e difundida pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda).¹⁴ A imprensa oficial espalhava milhares de fotos de Getúlio pelo país inteiro, para fortalecer a popularidade do presidente, o que era questionado por *A Democracia*.

A personalidade de Vargas foi amplamente debatida e criticada pelo jornal, que não cansou de tratá-lo como traidor das causas democráticas e liberais. Afirmou que Vargas, de acordo com os interesses políticos que possuía, alternava seus aliados. No passado, fora considerado um caudilho e, naquele momento lutava pela desmoralização e pelo extermínio do caudilhismo. Ele foi acusado de infidelidade às antigas causas e aos amigos, pois Flores da Cunha, que tanto lhe beneficiara em importantes situações

¹¹ Raul Pilla e Lindolfo Collor estavam em Paris e eram integrantes do PL (Partido Liberal); Plínio Salgado permanecia em Lisboa e foi líder da AIB (Ação Integralista Brasileira); e Armando Salles encontrava-se em Buenos Aires e concorreria à presidência, no suposto pleito de 1938, apoiado por Flores da Cunha.

¹² *A Democracia*, Rivera: 6.10.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

¹³ *A Democracia*, Rivera: 24.08.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

¹⁴ *A Democracia*, Rivera: 27.07.1938. Arquivo Biblioteca nacional de Montevidéu.

históricas¹⁵, passou a ser duramente atacado como um velho caudilho. Segundo o periódico, o presidente encontrava-se desmemoriado:

“Caudilhismo: Getúlio Vargas é um homem de pouca memória, ou melhor, nenhuma: amnésico: investe contra os convivas medrosos, olhos congestos, aos brados: morte ao caudilhismo. Quem lutou honestamente defendendo seu ideal de moço, no Passo dos Guedes, Campo Osório, Ibirapuitã, Guassu-Boi, e Passo da Conceição, para sustentar no poder o Sr. Borges de Medeiros?

- O “caudilho” José Antonio Flores da Cunha.

Se a Aliança Libertadora de vencida levasse os republicanos do dr. Medeiros, quem seria hoje tão somente um humilde advogado de São Borja?

Quem, em 1930, combateu a descoberta pelas ruas de Porto Alegre, para levantar bem alto o seu Rio Grande?

- O “caudilho” José Antonio Flores da Cunha.

O Dr. Getúlio, qual comadre indiscreta, expiava pelos vidros das janelas do palácio num caixote de querosene. Agia pela palavra...

Quem, em 1932, derrotou os constitucionalistas de Piratininga?

- Ainda o “caudilho” José Antonio Flores da Cunha.

O Dr. Getúlio, portas fechadas, em estado milagroso clamava por socorro.

Um obséquio Dr. Vargas: não me fale mais em caudilhismo; o desmemoriado perto do Sr. é canja.”¹⁶

Getúlio era visto como mentiroso e traidor, como alguém que atingira a fama de carismático com o auxílio da censura. O periódico denunciou, inclusive, um atentado pessoal, sofrido em que o presidente saiu ileso, e o caso foi abafado pela imprensa.¹⁷ De acordo com o jornal, Vargas encontrava-se ameaçado de morte em virtude das atitudes pouco simpáticas que oprimiam todos os segmentos sociais. A *Democracia* utilizou o humor para retratar o perfil atribuído a Getúlio:

“PERFIL

Nativo lá de São Borja,
Inquilino do catete,
Sempre cercado da corja,

¹⁵ O jornal faz alusão à Revolução de 1923, à Revolução de 1930 e à Revolução de 1932, quando Flores e Getúlio eram aliados políticos.

¹⁶ A *Democracia*, Rivera: 01.09.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevideu.

¹⁷ A *Democracia*, Rivera: 11.05.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevideu.

O ditador pinta o sete.

Dissolveu um parlamento,
Rasgou uma constituição,
Fez do suborno instrumento;
Fez arma da delação.

Inventou o Estado Novo;
Criou a pena de morte;
Avilta e oprime a um povo
Que não merece tal sorte.

E, neste diapasão,
O ímpio da malícia
Prende parte da nação
E fez do resto polícia.”¹⁸

Com todo esse teor de resistência à ditadura, pode-se imaginar o quanto o governo federal lutou pelo fechamento do jornal, desde seu lançamento. De acordo com os relatos do próprio periódico, na tentativa de calar as denúncias e os brados de liberdade, policiais brasileiros atacaram a sede do jornal e apoderaram-se de vários exemplares. As autoridades municipais de Rivera tomaram providências contra esse ato, mas as investidas de Batista Luzardo foram muitas e incansáveis. Até mesmo os vendedores de rua, responsáveis pela distribuição do periódico pela cidade uruguaia, eram abordados pelos *tiranos*, que avançavam e levavam brutalmente os números do jornal.¹⁹

O embaixador brasileiro em Montevidéu, Batista Luzardo²⁰, era encarregado de vigiar os atos de Flores e de informá-los diretamente a Getúlio Vargas. As correspondências diplomáticas enfatizavam as notícias escandalosas e *mentirosas* que *A Democracia* publicava, e reafirmavam a necessidade de fechar o jornal:

¹⁸ *A Democracia*, Rivera: 27.07.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de montevidéu.

¹⁹ *A Democracia*, Rivera: 06.08.1938. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

²⁰ Batista Luzardo foi escolhido por Getúlio Vargas para assumir a embaixada brasileira em Montevidéu porque era inimigo político de Flores da Cunha desde 1932, quando ocorreu a Revolução Constitucionalista. Luzardo lutou ao lado dos liberais pela implantação da constituição, ao passo que Flores posicionou-se a favor de Vargas, garantindo-lhe a vitória. Os revoltosos ficaram exilados, inclusive Luzardo, que em 1937 tinha motivos suficientes para não relaxar a guarda sobre o exílio do ex-governador.

“O Jornaleco A Democracia, editado em Rivera, com o dinheiro do Flores e dirigido pelo Heron Canabarro e Thales Garcia, continua vomitar fezes contra você, o Bejo, o Oscar Fontoura, o Estado Novo, seus homens e até contra a integridade do Brasil, pois, num de seus últimos números, pregou a separação do Rio Grande. Pregar a separação do Rio Grande nesta hora, seu Getúlio!”²¹

Vargas sabia a procedência do dinheiro que mantinha *A Democracia*, o que culminou com a ação mais incisiva de Luzardo para convencer as autoridades uruguaias a fechar a sede do jornal. O governo brasileiro deixou claro ao governo uruguaio que, ao permitir a circulação de um jornal de esquerda, com críticas que abalavam o prestígio e a reputação de várias autoridades brasileiras e que desmoralizavam o sistema constituído e a política do Brasil, estaria desestabilizando as relações diplomáticas entre ambos países.

Atendendo aos sucessivos pedidos, o governo uruguaio decretou o fechamento do jornal, de acordo com o depoimento do próprio periódico:

“Surpreendidos com o decreto de internação de nosso diretor, resolvemos nesta edição de 2 páginas porque o tempo que nos foi dado dispor não dava para fazer mais. Não creia a nefasta ditadura que abateu em definitivo esta tribuna essa tribuna de combate aos seus desmandos, aos seus crimes, e aos roubos do tesouro público”.²²

A Democracia teve muita representatividade e alcançou seus objetivos de denunciar e abalar a estabilidade que Vargas procurava manter. Seu fim maior era gerar a instabilidade na estruturação do Estado Novo, o que conseguiu e culminou com o fechamento do jornal. A fundamentação das críticas e denúncias levantadas não foram, ainda averiguadas

A imprensa subversiva, aliás, sempre foi atuante em meio à ditadura, através da criação de uma outra linguagem que pudesse camuflar a repressão. O caso desse jornal

²¹ Carta de Batista Luzardo a Getúlio Vargas, 38.08.02. Arquivo Getúlio Vargas, Solar dos Câmara.

²² *A Democracia*, Rivera: 11.05.1939. Nº 38. Arquivo Biblioteca Nacional de Montevidéu.

foi atípico para um período de silêncio, pois não escolheu palavras, termos ou expressões que permitissem a simulação. As matérias eram diretas e incisivas, contestando o Estado Novo e defendendo a administração feita por Flores da Cunha. A tendência pró-florista permeou todo o contexto do jornal que, em nome da causa democrática, enfrentou a polícia política estadonovista, e hoje é uma importante fonte de pesquisa para a análise da história brasileira e latino-americana.